

ADVOCADO

MOA SIPRIANO



MOASIPRIANO.COM

ADVOGADO

Moa Sipriano



www.moasipriano.com

Design da Capa & Editoração
Moa Sipriano

Imagem da Capa & Tipografia
pixabay.com
dafont.com

Todos os direitos reservados a
Moa Sipriano

Site oficial & Contato
moasipriano.com
escritor@moasipriano.com

DE: poet@lovland.com

PARA: advogado@downie.com

ASSUNTO: Palavras de estreia para um “adeus”

A velha fórmula universal.

Um esbarrão, faces coradas pelo embaraço e pela timidez; dois sorrisos, o brilho excitado entre olhares embasbacados, pedidos sociais de desculpas, um generoso aperto de mãos capaz de entregar todo o roteiro sensual, o primeiro toque e o primeiro calor a enrijecer nossos membros.

Logo em seguida veio o convite.

Dois tapinhas nas costas.

Algo típico dos enrustidos.

O sinal certo para uma boa cervejada.

Quando eu já acreditava ter esquecido que um dia existiu o chamado “flerte fatal”, recordei por obrigação que há muito tempo minhas chuteiras estavam penduradas atrás da porta do meu oculto quarto fétido.

Minha libido agora servia como morada de aranhas pequerruchas a laborar suas teias intrincadas, nada mais.

Muitas vezes ainda me pego assim, meio abobado. Sou introspectivo por imposição do Destino. Eu sublimo meus desejos na intenção de transformá-los numa sensação de extrema serenidade a invadir meu corpo e minha mente todos os dias.

São anos – acredite! – anos e anos e anos de uma prática incessante.

O nosso encontro fortuito proporcionou-me fagulhas de felicidade.

Durante algumas horas, eu fui um homem mais feliz na companhia da sua misteriosa presença.

Aguentando suas passagens tão descritivas, logo após a segunda gozada, como um bom submisso egoísta eu tive vontade de resolver seus mistérios e oferecer solução para os problemas que não eram de minha alçada.

Tive vontade de te “descobrir” cada vez mais.

Que merda. Que mentira! Nunca queremos saber tudo do outro de modo a aprender a conviver com as diferenças que torna belo e prazeroso o valor de um relacionamento.

Somos egoístas demais!

Queremos invadir e buscar todas as informações do candidato ao nosso coração para que assim possamos moldá-lo ao nosso bel prazer.

Pois aqui está a única verdade: Não somos capazes de amar sem cobrar algo mesquinho em troca.

Ontem abrimos uma tarde deliciosa. Entre pegadas e disputa de poder, após o gozo retumbante e merecido nos entregamos ao deleite das carícias embebidas no suor que impregnava nossos pelos exaustos.

Suor: a segunda pureza do homem. O sal da vida. A porra contínua. O perfume resultante do embate entre pelúnicos.

Passei horas admirando você por inteiro. Por fora e por dentro. Minha mão direita acariciava seus cabelos vermelhos, umedecidos, penteado outra impecável desfeito pela fúria do nosso sexo acima dos selvagens. Você não mereceu, mas é incrível como este pequeno gesto repetitivo ainda é capaz de me excitar!

Naquele quarto de quinta, eu notava os reflexos platinados dos primeiros raios da noite a queimar as paredes cremeadas, e também observava, de tempos em tempos, seu corpo vítreo e rosto madeira sob a tímida luz prateada que emanava através da janela entreaberta.

Engraçado. Não posso definir com acuidade o que me motivou a escrever para você. É algo mais forte do que eu. É a síndrome do poeta que não consegue expressar seus sentimentos por outro meio que não seja pela escrita estapafúrdia.

Estou sentado na escada de casa. Minha pelúnica bunda ainda inchada de tanta fodeção e tapas e socos tenta se acomodar da melhor maneira sobre o concreto frio e áspero.

Sexto degrau. Sexo infernal.

O sol já se recolheu e uma noite bem fresquinha começa a tingir o céu de azuis e laranjas e rosas profundos. Do meu lado esquerdo, olhando por cima da tela do mini Dell, vislumbro uma fatia da lua.

Pensei em você durante todo o dia de hoje. Feito um adolescente semivirgem.

Sim, pode rir da minha falta de criatividade. Eu me comporto como um idiota quando não quero dar o braço a torcer. Eu me torno uma pessoa comum, clichê, sem temperos.

Pausa.

A noite bateu acalorada. Que espetáculo precioso. Posso vê-las e sentir a presença das estrelas (minhas únicas) amigas. Adoro noites e todos os tons de cinza. Adoro estrelas e todos os seus segredos translúcidos.

Fico imaginando você: como estará se sentindo no exato segundo, certamente dentro do seu carro todo automático, desatando o nó da gravata apertada, vagando pra lá e pra cá, perdido pelas ruas caóticas da cidade que não tem cor, à procura das melhores soluções para os seus processos sem fim?

Queria cobrir suas costas largas de carinhos e leves mordidas, e refazer aquelas deliciosas massagens.

É verdade. Eu também carrego a sina. Essa cretina mania besta de todo *bambee* achar que é um exímio massagista quando está apaixonado ou quando o fogo no cu já não pode mais ser contido.

Queria tirar o peso dos problemas acumulados sobre seu espírito nos dias tão agitados de audiências intermináveis. Eu sei a pressão que sofrem os advogados.

Sabia que eu sempre mantive ojeriza por advogados?

Sim, eu acabo de morder a língua.

Vamos voltar ao que interessa.

Eu queria deixá-lo “pronto para outra”. Pelo menos nisso eu ainda sou muito bom. Tenho ótimas referências por todas as vidas masculinas que salvei ilha afora.

Nova pausa. Estou viajando em sádicos pensamentos. Como se o pecado existisse e não fosse apenas mais uma invenção humana, não é mesmo?

Sou um homem atrevido e tenho que expressar os detalhes daquilo que envolve meu ser, através da minha gramática capenga.

Muitas vezes desencadeio meus atos literários nas noites limpas, pinceladas de misteriosos pontos luminosos, quando me farto de prazer na companhia do meu fiel Nestor, o “note”, meu cúmplice.

Sou assim mesmo. Um iludido lúdico. Não fique espantado com minhas atitudes extremadas de sinceridade.

No final, o que devo expressar é que fiquei contente e satisfeito por ter cruzado com você durante meu caminho errante. Foi mais um incrível (e dolorido) aprendizado.

Mesmo não me alimentando de nada que contenha sangue viajando em seus corpos, confesso que preciso frequentar com maior assiduidade a peixaria do velho Hermann.

Sim, meus risos histéricos, porém ainda contidos, são de puro nervosismo adolescente.

Chega de devaneios.

Foi tudo sexo, carne, suor e lágrimas carregados de prazer físico, necessário, de passagem.

Eu não tenho direito ao Amor. Pelo menos não ao “amor” que você estava disposto a me oferecer.

Quadros, pinturas e esboços em forma de letras digitais. É boa hora de colher todos os frutos resultantes da minha arte. Eu também aprendi a definir prioridades.

Quero receber os elogios perdidos no passado. Devo aprender e ensinar as coisas que a vida me proporcionou. Eu sei, desde os doze, qual é o sentido da minha Vocação.

Eu sou um Escolhido. Eu me candidatei para realizar de uma vez por todas o que somente o meu ser dual pode cumprir com louvor. Eu escrevi minha própria história antes mesmo de respirar pela segunda vez.

Cabe agora um breve agradecimento. Não, nem pensar. Eu jamais seria ridículo o suficiente para lhe dizer: *“obrigado por existir em minha vida”*.

Meu pau (que você chupou tão bem) acaba de amolecer só de pensar nas frases medonhas que roubamos dos roteiros das novelas mexicanas.

Agradeço apenas pela chance do recomeço que não aconteceu do jeito que eu idealizava. O importante é saber que continuo vivo e fegoso como nem eu mesmo imaginava ser capaz (e manter o fôlego diante) das pirotecnias que compartilhamos.

Pausa.

Ouçõ fragmentos de uma canção distante tocando em algum “3 em 1” anos 1980, provavelmente do vizinho embosteadado à minha esquerda.

Minha rua é composta de muitas casas vazias e poucos machos solitários, assim como eu, que buscam cicatrizar suas feridas um pouco a cada dia, sob as bênçãos das ondas calmas que golpeiam minha querida Lovland por toda a eternidade.

Fecho os olhos e me concentro por alguns segundos. Joan Armatrading interpretando *Willow*.

Eu sei. É um sinal. É um momento todo especial. É um instante clichê.

Ah, meu desejado e novo ex-amigo, estou tranquilo. Meio cínica e cretina tal afirmação, é verdade. Mas é assim que me encontro no derradeiro minuto.

Muitas palavras ainda ecoam nesta minha cabecinha de ralos cabelos negros. Sei que não devo tomar mais seu tempo. Sou assim. Não fique espantado com a sinceridade extremada das minhas atitudes.

Agora tenho que ir.

Mas para onde?

Pausa.

Hoje é outro dia. *No day but today*.

É chegada a derradeira hora de tomar coragem e mandar o fatídico *e-mail*. Ah, descobri seu endereço eletrônico através do site oficial da sua fábrica de processos eternos. Simples assim!

Repassando o filme e recordando os deleites, apenas confirmando que as poucas horas em que estivemos juntos certamente estiveram acima do trivial.

Eu confesso: foi muito bom foder com você. Mas tenho consciência que vivenciamos uma puta ilusão. A de número 1.879, segundo meus cálculos inexatos.

Não vamos trilhar o mesmo caminho. Carências e objetivos tão divergentes! Não estamos dispostos a dividir a bagagem de uma existência compartilhada. Fora o ótimo sexo, nosso envolvimento foi apenas uma insana confusão e obra dum acaso que não foi bem marcado em cartas de tarô.

Eu já “dissescrevi” isso em algum lugar. Ou em algum lugar isso já foi anotado. Odeio ser repetitivo, mas o que posso fazer se sou viciado na porra da Recorrência?

Aproveitamos a chance de uma união de corpos e de esperanças. O que sobrou foram três camisinhas usadas e dois pedaços de papel cheirando a jasmim com rabiscos dos nossos números de telefone.

Esquecemos por completo que nossos adoráveis telefones móveis têm agendas práticas ao toque de um dedão.

Era mais um sinal de que jamais ficaríamos juntos.

Mensagens anotadas com minha jurássica Bic azul (lembro-me da sua cara de nojo ao ser “obrigado” a pegar numa caneta popular) em papéis que só serviam para apagar as marcas dos lábios vermelhos da sua paixão etérea e do meu ardor CÚnico.

Vamos aceitar que telefonemas trocados entre o Poeta e o Advogado não vão se concretizar. Meu pedaço de papel higiênico jaz há horas desfeito em finas tiras no fundo do mar.

Já é tarde e o sono embaralha meus últimos movimentos. Estou na décima cerveja. Normalmente, eu sempre paro na terceira lata, durante a semana.

(risos)

Não estou magoado, acredite. Apenas ansiei além da conta por algo que jamais vai acontecer. Pelo menos não comigo.

Só de reouvir seu discurso na minha mente:

“Eu quero você, mas somente se você concordar com minhas ordens. Não devemos ser vistos em público (imagina um Super como você ao lado de um Simples como eu?), não posso dar bandeira (imagina um Chupador como você ao lado de uma Libélula como eu?), meu trabalho vem em primeiro lugar, sendo assim, só podemos passar algumas horas juntos bem agendados em finais de semana, na hora que eu puder (imagina um Responsável como você perder tempo ao lado de um Livre como eu?), eu te amo (foi a primeira coisa que você gritou, chorando e des-

controlado, assim que despachou sua primeira porra na minha boca!), mas não posso e nem quero assumir compromissos sentimentais...”

Nem vou esticar o resto do absurdo.

Fim das palavras. Fim de mais uma aventura.

Next!

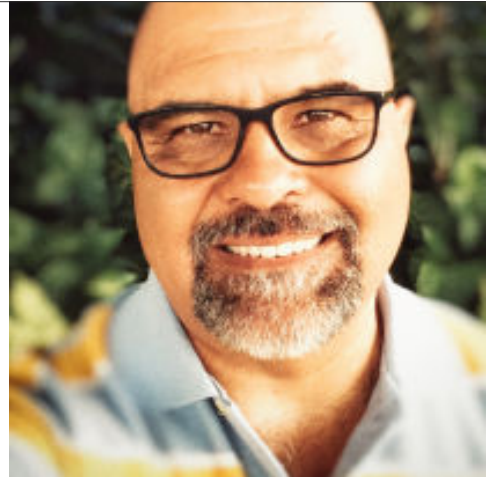
Chegou a hora do tchau. Sem mais-nem-por-que-o-que-mesmo?

Adeus, Dr. Martin Heckler. Um advogado adorador de robalo.

De seu trepante,

Ivan Ries,

Um poeta redundante, eternamente solitário.



Sobre o Autor

Moa Sipriano é natural de Jundiaí, interior de SP. Escreve e publica contos, crônicas e romances desde 2004. No Brasil, foi pioneiro na criação e divulgação de livros digitais contendo exclusivamente literatura homopopular. Sua arte retrata com crua fidelidade e lirismo o amor verdadeiro, os conflitos internos, o sincero companheirismo e a real espiritualidade da Diversidade. O autor pincela suas histórias e verdades com inteligência, sarcasmo e sensualidade em tonalidades exatas, proporcionando ao leitor um momento termântico, surpreendentes descobertas, além de uma profunda reflexão.

* * *

Para conhecer todas as obras: **moasipriano.com**

E-mail: **escritor@moasipriano.com**

Facebook: **facebook.com/moasipriano**

Instagram: **instagram.com/moasipriano**
